

POEMAS DANÇANDOS: O DIÁLOGO ENTRE DANÇA, POESIA E TECNOLOGIA NA PREPARAÇÃO DO ESPETÁCULO NA GAYA DANÇA CONTEMPORÂNEA¹

Marília Teixeira de Melo - UFSCAR²

Resumo: Este trabalho é fruto de uma discussão realizada para a dissertação apresentada no curso de mestrado em Antropologia Social/PPGAS/UFRN, no qual busquei estudar os processos vivenciados dentro do grupo de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN: a Gaya Dança Contemporânea. Neste artigo, meu objetivo é dialogar sobre dança, poesia e tecnologia, colocando em ênfase, nesse momento, os trabalhos coreográficos apresentados durante o isolamento social, devido pandemia COVID-19. Assim, busquei discutir com as dimensões estéticas que baseiam a produção da dança contemporânea, com as propostas técnicas para a vídeodança e a coreoedição, presentes nos recortes cênicos da Wedsérie *Poemas Dançados*, que são: *Corpo Isolado*, *Para quando o verão chegar* e *Poemas Dançados I, II e III*, apresentados através da plataforma do Youtube, nos canais de 72ª SBPC Cultural e Gaya Dança Contemporânea. Enriquecido também por uma prática pessoal de dança, este artigo nasce de uma antropologia interpretativa e colaborativa. A proximidade com o grupo, através da prática de pesquisa, transformou a pesquisadora em intérprete-criadora na Gaya Dança Contemporânea, compartilhando as alegrias e as tristezas dos corpos afetados pelo período instaurado pela pandemia em 2020 e também na criação coreográfica em período de isolamento social. A bibliografia perpassa desde Laban (1978), Arlindo Machado (2004), Schulze (2010) e Santana (2006, 2018), para pensar a produção de vídeodanças. Até Fortin (2009), Pink (2009) e Ingold (2010, 2013, 2016), para pensar uma antropologia da arte, da técnica, das sensações e experimentações.

Palavras-chave: Antropologia; Vídeodança; Tecnologia; Covid-19.

Introdução

Desde março de 2020, após o início da Pandemia COVID-19 [Sars-Cov 2] no Brasil, houve a necessidade sanitária de trabalharmos totalmente em casa, o chamado

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Graduada em Ciências Sociais –UFRN. Mestra em Antropologia Social – PPGAS/UFRN. Doutoranda em Antropologia Social – PPGAS/UFSCAR- São Paulo/Brasil. e-mail: mariliaresponde@gmail.com

home office. Mas, você já se perguntou como fizeram os artistas (atores, atores, bailarinos, bailarinas e tantos outros que trabalham com os seus corpos) que estavam desenvolvendo trabalhos, pesquisas e atividades de criação cênica, espetáculos de dança, teatro e tantas outras atividades em grupo? Como realizaram suas atividades ao longo do isolamento social, até os dias atuais, em que ainda vivemos as consequências da COVID-19?

A Gaya Dança Contemporânea é um Projeto de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, fundada pelo Prof. Dr. Edson Claro, em 1990 (LIMA JR, 2018; VIEIRA, 2020). Atualmente voltado para a prática da dança de forma experimental, sensorial e profissional, buscando desenvolver as capacidades de criação e movimento presentes no sistema de notação e metodologia em Rudolf Laban³ (VIEIRA, 2020). Em que em 2020, ano do isolamento social, completou 30 anos de existência na cidade de Natal/RN, sendo formado por cerca de 21 intérpretes-criadores, dentre estes 16 bolsistas dessa instituição de ensino, todos coordenados pelos Professores do Departamento de Dança da UFRN Dra. Larissa Marques e Dr. Marcílio Vieira.

O grupo de extensão que já estava adaptado a trabalhar presencialmente de forma offline, nas instalações do Departamento de Artes – DEART/UFRN, antes da pandemia COVID-19, precisou repensar suas atividades com o intuito de não parar as atividades técnicas, de preparação corporal, coreográficas para a dança contemporânea, assim como as pesquisas de abordagens estéticas para as *performances* em dança contemporânea que programavam para aquele ano.

³ Rudolf Laban (1978), nascido na capital da Eslováquia, Bratislava, foi bailarino, coreógrafo, teatrólogo, artista plástico, arquiteto e um grande teórico da dança do século XX, conhecido pelo “Sistema Laban”, que como o próprio nome sugere, foi criado pelo próprio. Dentro desse sistema, podemos encontrar a “Labanotação e Laboanálise”. “A labanotação consiste em uma descrição mais simples do movimento em relação aos padrões de peso, duração do movimento, e as direções espaciais em que o movimento foi feito. Enquanto que a Laboanálise é uma descrição mais sistemática, pois foca no “como” tudo isso ocorre, como se troca de um peso para o outro, as transições das direções, entre outros aspectos que ele propõe que sejam observados, de maneira mais minuciosa”. (FERREIRA, 2019, p. 28). Segundo Vieira (2020, p.39), o “Sistema Laban” busca romper com as técnicas anteriores de dança, que diversas vezes, o intérprete-criador aprende uma coreografia a partir de vídeos, fotografias, ou mesmo passada ao vivo por outro corpo dançante, seja o diretor, coreógrafo ou outro intérprete, mas que o sentido é o mesmo: “criar uma coreografia, gestos, poses, movimentos idênticos entre si”. Todavia para Laban, essa forma de dança condiciona o movimento e o intérprete-criador. Na dança contemporânea, especialmente, deve-se refletir e conseguir descrever o próprio corpo na dança e assim se reconhecer dentro das três dimensões: “tempo, espaço e movimento”.



Figura 1: Aula de Suave, professor de Hip Hop para a preparação do Espetáculo Entre olhares e ventos, 2020. Fonte: Fotografia realizada pela autora Marília Melo

Assim, a Gaya passou por um período de adaptação e preparação dos intérpretes-criadores e das intérpretes-criadoras para trabalhar de modo online, começando por reunião através do aplicativo do *WhatsApp* e posteriormente adotando o *GoogleMeet* como *local* de alongamentos, aulas, performances e estudos em grupo. Dessa maneira, o grupo de extensão não parou suas atividades e adotou uma nova experimentação para as suas produções e apresentações nesse período: a Vídeodança.

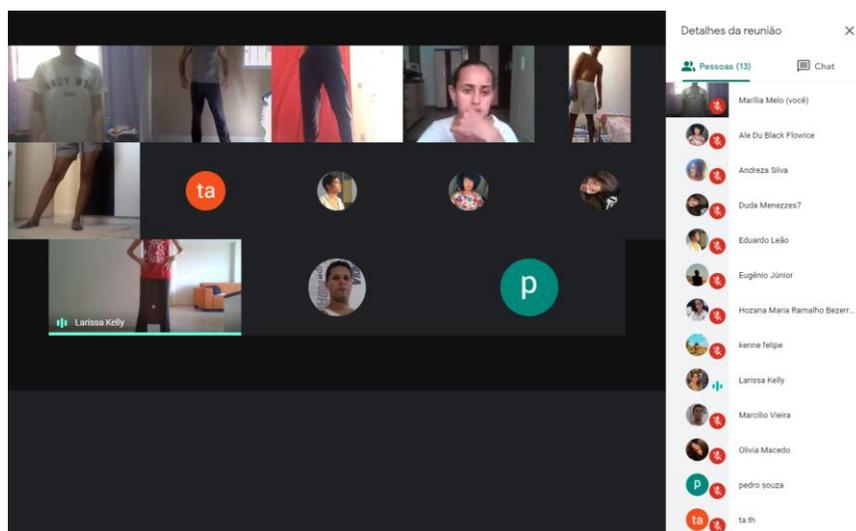


Figura 2: Grupo Gaya em alongamento, ensaio e reunião através da plataforma do Google Meet, 2020. Fonte: Print-screen realizado por Marília Teixeira.

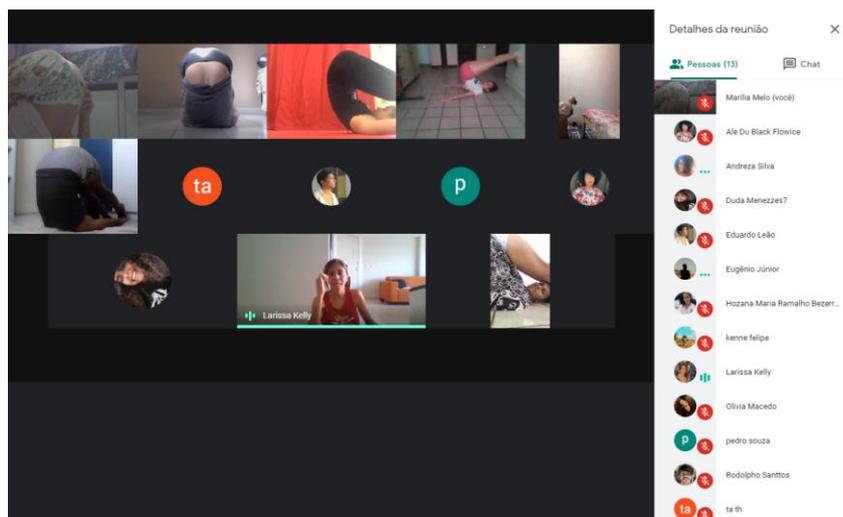


Figura 3: Grupo Gaya em alongamento, ensaio e reunião através da plataforma do Google Meet, 2020.
Fonte: Print-screen realizado por Marília Teixeira.

Desde 2019, eu já participava do projeto de extensão da Gaya Dança Contemporânea, como estudante, intérprete-criadora e pesquisadora do grupo para a dissertação a ser apresentada ao Departamento de Antropologia Social – PPGAS, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Assim, em 2020, pude acompanhar e vivenciar não só a transição do trabalho presencial, para o formato online, mas também fazer parte da preparação, produção e apresentação da série de vídeodanças, coordenada/dirigida pelo Prof. Dr. Marcílio Vieira e codireção da Prof^a. Dr^a. Larissa Marques.

Desta forma, este artigo é fruto da minha pesquisa de dissertação em Antropologia Social, que teve como foco compreender, a partir de uma perspectiva antropológica, a mediação tecnológica na preparação do espetáculo durante a pandemia de COVID-19, tendo ênfase nos processos vivenciados dentro do grupo de extensão: a Gaya Dança Contemporânea. Assim, busquei registrar desde a preparação corporal, que envolveu o contexto presencial, antes da pandemia COVID-19, até os desdobramentos, trajetórias, convivências e experiências emocionais, materiais, dentre outras, que assolaram os intérpretes-criadores e as intérpretes-criadoras da Gaya, durante a mudança de trabalho para online e *home office*, durante a pandemia COVID-19. Assim, busquei observar, aprender, vivenciar e registrar os processos de aprendizagem, criação e produção de vídeodanças adotados pelo grupo de extensão, como metodologia de trabalho e também forma de manutenção das pesquisas e atividades em dança contemporânea durante o isolamento social.

Entretanto, neste artigo, meu objetivo é enfatizar a reflexão sobre a websérie de vídeodanças *Poemas Dançados*, dialogando a respeito das corporalidades, subjetividades,

tecnologias, poéticas e políticas envolvidas na criação *performances* de dança contemporânea focadas em dançar poemas, sob cenário de isolamento social e pandemia COVID-19.

Corpo Isolado: o surgimento de novos diálogos metodológicos na Gaya Dança Contemporânea

Os poemas que foram utilizados para a produção da série de videodanças da Gaya Dança Contemporânea foram: “Sou composta por urgências” de Clarice Lispector, que pode ser assistido sob o título de Poemas dançados III ou “Para quando o verão chegar” no Youtube. “Retrato” de Cecília Meireles, que pode ser assistido sob o título de Poemas Dançados II, também no canal da Gaya Dança Contemporânea no Youtube. “Não sei quantas almas tenho” e “Aniversário”, ambos de Fernando Pessoa, que também estão disponíveis no Youtube, sob o título de Poemas Dançados e Poemas Dançados I.

Os episódios da websérie de vídeodanças foram gravados durante os meses de julho a setembro de 2020 e contou com cerca de 16 a 21 intérpretes-criadores, que participavam, de forma colaborativa, desde a criação, preparação, performance, gravação, edição, narração, editais, postagens nas redes sociais e plataformas digitais do grupo, até a divulgação desse material.

A estreia da série de vídeodanças *Poemas Dançados* foi realizada no dia 02 de setembro de 2021, na 72ª SBPC Cultural, às 19 horas e 30 minutos, com a vídeodança *Poemas Dançados III*:



Figura 4: Grupo Gaya na apresentação dos Poemas Dançados III na 72ª SBPC Cultural 2020. Fonte: Canal SBPCnet do Youtube⁴.

⁴ Disponível em <https://youtu.be/86px27XXMZw> > Acesso em 10 fev. 2022.



Figura 5: Banner da 72ª SBPC Cultural, 2020. Fonte: Canal SBPCnet do Youtube ⁵

A apresentação de estreia foi realizada em contexto de isolamento social, no qual os intérpretes-criadores e as intérpretes-criadoras teceram suas próprias composições de acordo com suas trajetórias e vivências em relação ao contexto pandêmico. A proposta foi que cada um à sua maneira, demonstraria como seus corpos se sentiam no momento presente e assim, comunicar estas experiências aos outros, através dos movimentos da dança. Como já foi mencionado, os artistas do grupo Gaya, utilizaram algumas metodologias para elaborar uma série de vídeos, que culminaram na tríade: dança, poesia e tecnologia.

Depois dessa apresentação, a série *Poemas Dançados* foi dividida em cinco capítulos. Cada capítulo é composto por uma videodança, com duração média de três minutos cada uma. Todas as obras, como já citado, estão disponíveis no canal do Youtube do Gaya Dança Contemporânea. O episódio intitulado *Poemas Dançados III* foi escolhido para participar de duas amostras de arte, em nível nacional, dentre elas a 72ª SBPC, em 2020.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=86px27XXMZw&t=1s>. Acesso em 28 set. 2021.

Todavia, o primeiro vídeo da série foi *Corpo Isolado*, que como o próprio nome sugere, é uma breve e profunda reflexão a respeito das emoções e dos imaginários que permeiam as sensações do corpo obrigado a isolar-se socialmente por causa da pandemia COVID-19 que nos assolava e assolava, especialmente entre março e setembro de 2020, quando o vídeo foi produzido. Sob sonoridade da música de Tiago Ladeira, o vídeo piloto da websérie nos transporta a visualizar o pensamento vazio que ecoa da solidão, do isolamento, da falta de esperança, da tristeza, da vontade de morrer. Mas, paradoxalmente também se refere à uma vontade de renascer dessa secura, na busca por liberdade de vida e nova esperança. Assim, o início dessas produções partiu de um grito coletivo, poético e que ecoa até os dias atuais.



Figura 6: Intérpretes no episódio *Corpo Isolado*. Fonte: Fonte: Canal Gaya Dança Contemporânea do Youtube⁶.

Nas produções propostas, todos os movimentos que são feitos, foram realizados a partir da direção dos professores Dr. Marcílio Vieira e Dr^a. Larissa Marques. Entretanto, a ação de improvisação que foi vivenciada no processo de pesquisa pelos/pelas intérpretes-criadores e intérpretes-criadoras da Gaya, seguiu o “Sistema Laban de domínio de movimento”. Isto fez com que cada intérprete apresentasse suas próprias experiências sobre os poemas performatizados, relacionando-os com seus próprios movimentos e trajetórias.

Assim, a junção desses elementos foi feita de maneira individual por cada intérprete-criador, em sua própria casa, com o auxílio de celulares, câmeras, ou computadores, como pode ser percebido, esses captaram as imagens, em formato de vídeo, enquanto se movimentavam, dançavam, em seus quartos, salas, corredores, cozinhas, etc. E posteriormente, trabalha por um, ou vários coreodiretores. Mantendo uma

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rpbnuYE4Hk> Acesso em 28 set. 2021.

das características fundamentais para o grupo de extensão: o trabalho com base colaborativa, em que a criatividade é despertada e trabalhada, desde o estudo, produção e produto final, de uma participação coletiva, mesmo que em algum momento precisou-se dançar separado, o esforço foi comum. (ALVES ET AL, 2021; LIMA JR, 2018; VIERA, 2020).

Dessa forma, criatividade tornou-se um elemento fundamental na construção da série de vídeodanças, para a composição dos movimentos corporais e nas formas de captação do material coreográfico, no período do isolamento social (2020). Ao mesmo tempo, que a mesma foi despertada por intermédio da vida coletiva e das interações experimentadas dos espaços coletivos e midiáticos no Gaya Dança Contemporânea. Vale ressaltar, que é por meio do material coreográfico que os/as intérpretes podem expor suas próprias descobertas, emoções e criações, de acordo com o que é proposto pela direção/coordenação, sob leituras estudos e pesquisas técnicas e estéticas realizadas sobre as propostas.

Para Machado (2004), a criatividade é sempre gerada pelo esforço coletivo e não individual. Sob esta perspectiva, reelaborar uma proposta técnica e estética para a dança contemporânea é uma ação que perturba os padrões conhecidos até então pelos/pelas intérpretes, pois precisam reinventar a lógica da dança para si e para o público acostumando com o presencial. Subvertendo a função “original” para a qual a dança contemporânea da Gaya foi criada, ao mesmo tempo que expandiu os horizontes de trabalho e pesquisas do grupo de extensão, permitindo a inserção de um novo público, para além das fronteiras do Estado do Rio Grande do Norte (RN) e do modelo presencial (offline).

Poemas Dançados: Refletindo e construindo uma série de vídeodança em contexto pandêmico

A série de vídeodanças da Gaya Dança Contemporânea, é resultado do processo criativo e colaborativo dos intérpretes-criadores e das intérpretes-criadores da Gaya Dança Contemporânea (Alves et al, 2021). Seus pilares surgem a partir das propostas metodológicas em dança contemporânea, apresentada pelos coordenadores Dr. Marcílio Vieira e Dr^a Larissa Marques, como sinalizado anteriormente. Apresentando como foco a convergência dos conceitos metodológicos de movimento e dança em Laban (1978),

Arlindo Machado (2004) e Schulze (2010). Todavia, com o intuito de expandir essa discussão, também compreendo a autora Ivani Santana (2006, 2018).

De acordo com Machado (2004), a *artemídia*, conceito desenvolvido pelo pesquisador, emerge como uma nova forma de expressão artística nascida da proximidade da arte com os recursos tecnológicos contemporâneos. Já a *vídeodança*, categoria apresentada por Schulze (2010), é conceituada pelo autor como sendo uma hibridização entre o movimento corporal e a tela midiática, tal como ocorre com a dança telemática, apresentada por Santana (2006), em que ambas (a videodança e a dança telemática) são criações envolvendo o corpo, o movimento, a dança e a tecnologia.

Sob a base desses conceitos de *vídeodança*, é que emergiu a série pesquisada e registrada neste trabalho. Assim, a série se baseia na compreensão dos recursos tecnológicos não somente como um meio de registrar a dança. E sim, como uma nova dimensão de movimento, interligando e fundindo esses dispositivos (dança, técnica, tecnologia, corpo e movimento), na intenção de tornar cada vez mais inconfundível a relação entre eles. E assim, apresentando novas discussões sobre arte, dança e tecnologia, compondo uma nova forma de comunicação e expressão artística para as gerações do WWW - World Wide Web (SANTANA, 2006, 2018; SCHULZE, 2010).

O uso da metodologia da *vídeodança* na prática da dança contemporânea do Gaya, partiu das contribuições do “Sistema Laban” de movimento, a partir das categorias “tempo, espaço e fluência”. Utilizamos esse método, principalmente, ao observar a dimensão primária dessa ação: o domínio do movimento no presente (FERNANDES, 2006 apud LABAN, 1971), que pode ser observada nas imagens abaixo:

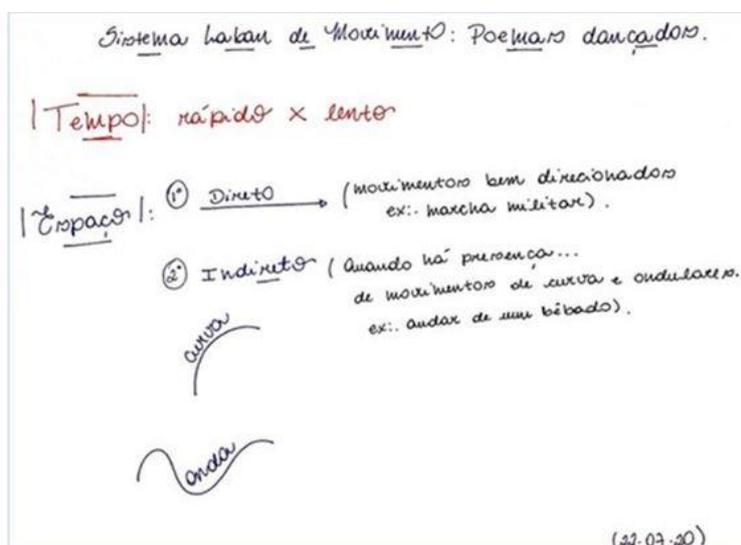


Figura 7: Explicação do “Sistema Laban”: Tempo e Espaço. Fonte: Diário da autora (2020).

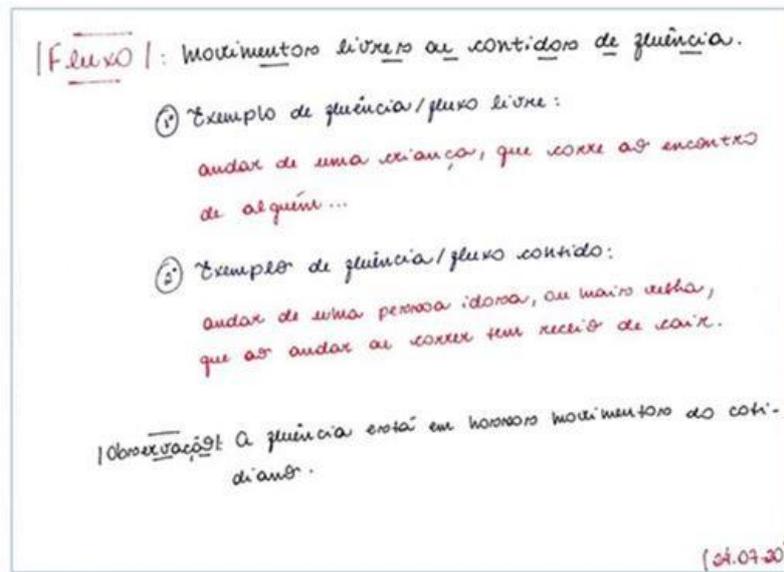


Figura 8: Explicação do “Sistema Laban”: Fluxo. Fonte: Diário de Campo da autora (2020)

Esses desenhos e explicações, foram realizados por mim, para compreender as orientações do Prof. Dr. Marcílio Vieira, dadas através do WhatsApp e GoogleMeet, para a gravação dos episódios da série de vídeodanças *Poemas Dançados*, em que cada intérprete-criador e intérprete-criadora deveria produzir, por meio de um smartphone e dentro do ambiente de suas casas, um vídeo, dançando poemas, narrados por intérpretes do grupo, construindo ações e movimentos de acordo com a tônica de esforço labaniano de tempo (rápido e/ou lento), espaço (direto e/ou indireto) e fluxo (livre e/ou contido). Este é um dos métodos de dança pesquisados pelo grupo, o “Sistema Laban” de notação.

Assim, na proposta metodológica de Schulze (2010), adotada pela Gaya Dança Contemporânea para a série *Poemas Dançados*, o domínio do movimento, apresentado por Laban, é mantido durante a proposta da dança, especialmente nas categorias “espaço-tempo”. Entretanto, o fator *peso* que originalmente compõe a hélice *tempo, espaço, peso e fluência*, não é levado em consideração no contexto da vídeodança, sobretudo, quando se trata da imagem pura e simples, pois é interessante neste contexto da dança contemporânea, que os/as intérpretes explorem sua cada qual sua própria movimentação, biografia e postura física. Buscando nesse processo observar e aprender as singularidades de seus corpos, personalidade, conhecer suas emoções e expandir sua criatividade, habilidades. Além de perceber suas limitações. Mostrando isso em seu produto: a dança

em movimento, através do vídeo. E também nas discussões durante o processo de construção das performances nas aulas, através do *Google Meet*.

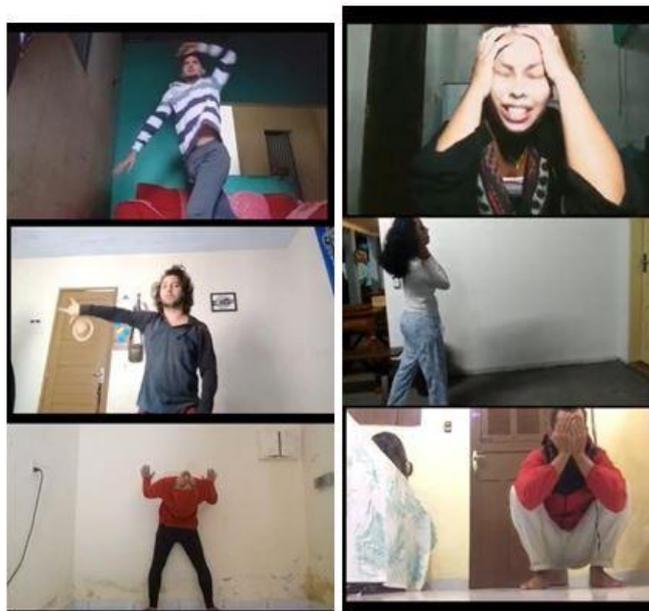


Figura 09: Grupo Gaya na apresentação dos Poemas Dançados III na 72ª SBPC Cultural 2020. Fonte: Canal SBPCnet do Youtube.

Concluindo esse pensamento, quando assistimos as vídeodanças, percebemos que o fator *peso*⁷ nada influencia especificamente para o espectador, tendo em vista que o enfoque acontece nas imagens capturadas pelos/pelas intérpretes e na forma como esta imagem desloca-se na tela. Desta maneira, não existe um fator peso a ser considerado quando se trata de cinema ou transição de imagens (SCHULZE, 2010).

Assim, este pensamento estaria já no estudo de Laban (1971) intitula de *impulso visual*, que seria a combinação dos fatores de *tempo*, *fluxo* e *espaço*, excluindo o fator peso, pois ao mover-se em *impulso visual* não há o emprego do *peso* ou da *força*. Afinal, a lógica é o/a intérprete manter o movimento e projetar uma ação. Assim, nesta ideia Labaniana, o visual está ligado à combinação da tríade: *decisão* (tempo), *sentimento* (fluxo) e *atenção* (espaço) (FERNANDES, 2006 apud LABAN, 1971). Como exemplificado nas imagens desenhadas abaixo:

⁷ Conceito apresentado por Laban (1978), para se referir a massa corporal + gravidade.



Figura 10: Explicação domínio de movimento no Impulso Visual Laban (1978). Fonte: Diário de campo de Marília Melo (2021).

Dialogando com Laban (1971), Schulze (2010) acredita na hipótese de que o contexto visual (da atenção) e sonoro, influencia na percepção do fator peso, em uma ideia de dimensões. Diante desse diálogo, é que a Gaya Dança Contemporânea, através dos coordenadores, compreendeu a ideia Labaniana (1971) sobre a percepção sonora e o contexto visual, com as dimensões de Schulze (2010), que abraça os gestos cotidianos, o aprendizado dos movimentos ordinários do dia a dia e o uso das tecnologias para captação e criação de novas imagens e movimentos, que seria bem interessante dançar poemas.

Logo, as vídeodanças são construídas conforme a base das três dimensões propostas por Schulze (2010), que como vimos, a primeira dimensão é o contexto (espaço, som), em conexão com o corpo e o movimento, através da dança. A segunda dimensão é o processo de captação das imagens (por meio do smartphone, do computador, etc) e a terceira dimensão ocorre no campo da edição, através da produção da performance, produzida por meio das imagens e das sonoridades, construídas por intermédio destes recursos, pensados de forma completa e que carrega desde a técnica artística (edição) tecnologia (imagens), até a trajetória das histórias, do cotidiano, dos gestos e emoções dos envolvidos e envolvidas nas ações, que são partilhas durante/no processo.

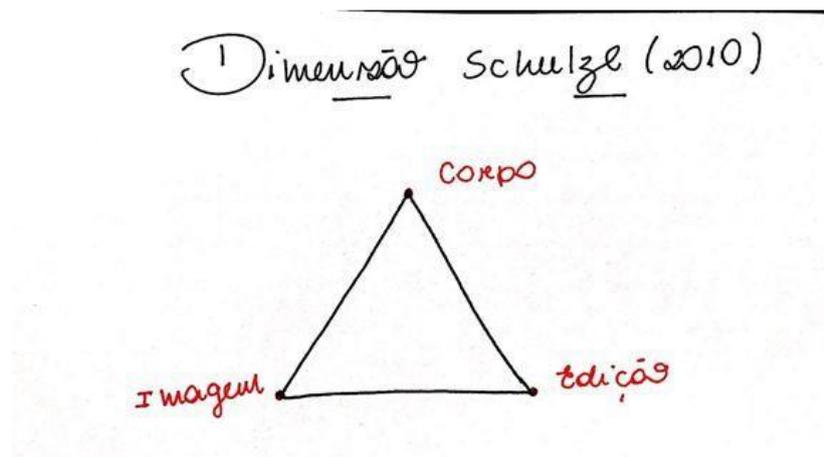


Figura 11: Explicação das “dimensões em Schulze (2010). Fonte: Diário de Campo Marília Melo (2021)

De acordo com Schulze (2010), a maneira com que os intérpretes-criadores capturam as imagens para a vídeodança é um elemento da segunda dimensão do movimento. Como explicado anteriormente, a primeira dimensão é a criatividade (MACHADO, 2004). Já o contexto, espaço e movimentos corporais são estudados pelos intérpretes por meio do “Sistema Laban” sobre os impulsos para dançar dentro da categoria visual apresentada. Assim, é na dimensão terciária que há a possibilidade de estruturar e transformar o movimento, por meio das imagens capturadas em vídeo e na forma como a imagem desloca-se na tela, através da edição (SCHULZE, 2010).

Sendo assim, os intérprete-criadores e as intérpretes-criadores do grupo de extensão Gaya Dança Contemporânea, utilizaram o computador para a edição dos recortes e vídeos coletados anteriormente. Já os demais utilizaram o celular para a captação dessas imagens. As regras utilizadas para a gravação foram: celular na horizontal e estático, com pedestal para estabilizar a câmera e permitir os movimentos corporais e seus fluxos. Ressalto que as sequências das filmagens apresentadas pelos intérpretes-criadores foram disponibilizadas no Google Drive para que os demais componentes pudessem assistir e assim, se inspirarem. Ou então, para ajudarem e compartilharem as performances registradas.



Figura 12: Grupo Gaya apresentação dos Poemas Dançados II eIII na 72ª SBPC Cultural 2020. Fonte: Canal SBPCnet do Youtube⁸.

Assim, os/as intérpretes utilizaram majoritariamente o celular para a captação dos vídeos em movimento. As regras utilizadas para a gravação foram: celular na horizontal e estático, com pedestal para estabilizar a câmera e permitir os movimentos corporais e seus fluxos. Ressalto que as sequências das filmagens apresentadas pelos intérpretes-criadores foram disponibilizadas no Google Drive, para que os demais componentes pudessem assistir e assim, se inspirarem, compartilhem também dificuldades e apontamentos aos novos aprendizados, movimentos e tônicas corporais.

Mesmo sem a edição utilizada pelos principais coreógrafos do grupo Kenne Felipe e Olívia Macedo, os movimentos captados e enviados em formato de vídeo pelos/pelas demais intérpretes da Gaya Dança Contemporânea já apresentavam em suas composições uma proposta poética individual, como sugere Schulze (2010), ao dizer que na vídeodança cada movimento é único, pois parte da improvisação (SHEETS-JOHNSTONE, 1999) como aporte para perceber e receber novos movimentos corpóreos.

Assim, a terceira dimensão para a composição da vídeodança, que está relacionada com estruturar e transformar o movimento a partir de dois elementos basilares: a imagem capturada, registrada pelos intérpretes-criadores, e na forma como as imagens são editadas, construídas a partir de filmagens em sequências ou sobrepostas, como se

⁸ Disponível em: <<https://youtu.be/dkVNNyyBIEA>> Acesso em 10 fev. 2022.

deslocam na tela para apreciação dos espectadores (SCHULZE, 2010), conceito este chamado de coreoedição. Ao mesmo tempo que é adicionada a poesia oral, narrada pelo/pela intérprete-criador/ intérprete-criadora, que coopera com a totalidade da composição, enfatizando para o espectador os detalhes da movimentação corporal na tela e fala oralizada, em que ao assistirmos, podemos observar na narrativa corpórea e oral, as emoções, necessidades pessoais, gestos, personalidades e comportamentos, criando assim novas cenas e cenários, que se cruzam online e offline (SCHULZE, 2010; LABAN, 1978).



Figura 13: Grupo Gaya na apresentação dos Poemas Dançados III na 72ª SBPC Cultural 2020. Fonte: Canal SBPCnet do Youtube.

A coreoedição, de acordo com Pearlman (2012), seria como coreografar uma dança por intermédio da composição, textura, cor, forma, duração da tomada e da energia do movimento em um vídeo. Dessa forma, o conceito de coreoedição remete a apresentar o intérprete como editor e coreógrafo, já que este pode utilizar múltiplos recursos para compor as vídeodanças. Cabe a ele/ela decidir quais recursos serão necessários na edição. Porém, quando se dança em grupo, é importante que se faça alguns *teasers*, como forma de experimentar e mostrar a equipe quais composições aparentaram ser mais poéticas visualmente, e assim, chegar ao produto final.

Pearlman (2012) defende também que fazer coreoedição é criar “poemas visuais” dentro de uma materialidade videográfica, permitindo que o intérprete-coreoeditor vá além de suas potencialidades de dança e criatividade. Neste sentido, intérprete-

coreoeditor ver na coreoedição a possibilidade de construir uma narrativa imagética e artística bem completa, pois este tipo de composição amplia o olhar para o cinema, a dança, as artes plásticas, a dramaturgia e tantas outras poéticas (SILVA, 2018).

Dançando poemas: Uma antropóloga-bailarina aprendendo em campo

Silvie Fortin (2009) e Sandra Meyer (2014) em seus estudos sobre autoetnografia na pesquisa antropológica, nos apresentam a importância em lidar com a Antropologia da Dança como uma relação de circularidade, entre o/a observador/observadora e os/as observados/observadas.

Dessa forma, decidi olhar para minha relação com a série de vídeodanças *Poemas Dançados* e registrar também a minha própria experiência e aprendizados, como antropóloga e não-bailarina, que está aprendendo a dançar contemporâneo e também a produzir pesquisa em dança, nesse sentido, ambas as ações acontecem por meio de trocas e movimentos (ação), aprendizados em campo, fazendo junto, aprendendo junto, no ambiente e com o ambiente, de acordo com as reflexões do antropólogos Fortin (2009), Pink (2009) e Ingold (2010, 2013, 2016), especialmente.

Alguns dos meus interlocutores me questionaram como estava sendo para mim participar da série *Poemas Dançados*, afinal não sou bolsista no projeto, sou uma antropóloga em pesquisa de campo. Minha resposta foi:

“Os Poemas Dançados foi um bálsamo para um 2020 tão conturbado. Me permitiu dançar em meio ao caos, me senti acolhida pelo processo e pela esperança trazida pelos poemas e pela dança que seguia a técnica de improvisação de Laban. No início achei que não iria conseguir executar os movimentos e dançar sozinha, sem o grupo, especialmente porque sou profissional das Ciências Sociais e não da dança. Todavia, os direcionamentos do professor Marcílio Vieira foram muito claros, ao mesmo tempo que ademais intérpretes-criadores do grupo assistiam aos vídeos e opinaram de forma construtiva para a melhoria da dança e gravação, especialmente a de Kenne, que trabalhou toda a edição dos vídeos, sendo assim primordial para a excelente edição e direção dos coordenadores. Para concluir, os vídeos saíram muito melhor do que eu imaginei. Todavia, percebo que a edição contribui em diluir muitos dos meus deslizes técnicos em relação ao método utilizado, acredito eu”. (Marília Melo, 26 de maio de 2021, às 00:56)

Na participação na série de vídeodanças Poemas Dançados, gravei os vídeos no corredor da minha casa. Todos os vídeos da série que participei foram gravados na madrugada, pois como os meus familiares também residiam no mesmo lugar, este era o melhor horário para realizar as gravações; era silencioso e com isso, me sentia à vontade para criar, sem interrupções, nem timidez. Sem contar que a minha capacidade imaginativa à noite é sempre melhor. Também precisei gravar de maneira bastante silenciosa para não acordar ninguém. Não era por causa do ruído na gravação, e sim para não acordar ninguém e nem tirar a minha concentração durante o processo de atenção e produção artística.

Dessa forma, não utilizei nenhuma edição em minha gravação. Tudo foi feito sob a iluminação que vinha do corredor da minha casa. Trata-se de um local que apresenta uma cor bem uniforme e uma luz que foi colocada de maneira improvisada, não sendo a mais apropriada para o ambiente, mas que para o vídeo tornou-se perfeita. Portanto, este espaço para mim, tinha cores uniformes e que, na minha concepção, transmitiam os significados dos poemas escolhidos, especialmente os de Clarice Lispector.

Como instrumento de gravação, utilizei meu próprio celular, um Iphone 5S, com o uso do enquadramento na vertical e na resolução 4k. O som estava desligado e somente na edição foi colocado o poema, como muitos dos intérpretes-criadores do grupo Gaya também fizeram. Como forma de me soltar mais, coloquei algumas músicas com vocalistas mulheres; músicas que expressassem esperança, natureza e emoções, já que os poemas eram da Clarice Lispector e me remetiam a essas coisas, especialmente “*Sou composta por urgências*”.

As composições criadas com base nas dimensões de Schulze (2010) surgiram a partir de improvisações suscitadas pelas palavras e seus significados presentes nos poemas escolhidos. Eu escutei os poemas por diversas vezes através de leituras no Youtube, até gravar em minha memória. Colocava a câmera em “rec”, ou seja, modo de gravação e buscava sentir o poema dentro de mim, às vezes em melodias, às vezes no silêncio da madrugada. Gravei várias vezes até conseguir escolher o vídeo para enviar aos colegas da Gaya. O melhor vídeo era o que conseguia deixar fluir as palavras no corpo e assim ver poesia em sua totalidade.

Por fim, fiz experimentações e as registrei em meu diário de campo e em diários de bordo, este como o pessoal na Gaya costuma chamar. Compartilhei um destes registros

com os intérpretes Kenne Felipe, Sara Azevedo e Andreza Vicente, que acabou sendo publicado no trabalho deles na ANDA⁹, em 2021.

“Dançar um poema foi a experiência mais incrível que já vivenciei, pois me permitia sentir o corpo de forma integral. Eu ouvia, decorava, deixava as palavras fluírem em meu corpo e dançava cada uma delas, ou pelo menos o que a frase me suscita. A sensação de dançar palavras, no silêncio do meu corredor, parecia que meu próprio corpo era o som daquelas palavras, reverberando em um espaço fechado, como de fato estava acontecendo. Dança um poema me fazia sentir como uma onda em alto mar, em que eu era apenas uma das ondas, compondo um grande mar. São tantas metáforas que me vem à mente, que representam essa minha relação em dançar um poema. Já na relação dança e poema, acredito que é um casamento perfeito, pois podemos dançar música, ou não. A questão é que também dançamos o silêncio, porque a dança é composição de corpos, de sílabas, de palavras de sons, de letras. Dança não é só técnica, também não é somente técnica, a dança é composta de significados. O poema também tem por característica a composição técnica, estética, artística, linguística, expressividade, sonoridade, palavras, letras... O poema é dança quando no corpo, na voz, nas mãos, no toque. Logo, a dança é sempre poética. E poema é sempre uma dança. Ambos são movimentos, e quando juntos, tornam-se uma belíssima expressão de arte, linguística e cultura” (Marília Melo, 26 de maio de 2021, às 03:56).

Desse modo, como defende Pink (2009) e Ingold (2010, 2013, 2016), o antropólogo que pesquisa em ação, aprende na medida que está estando engajado/engajada em aprender uma ação e compartilhar a respeito dela. Ao realizar participar do processo de construção da websérie de vídeodanças *Poemas Dançados*, estabeleci uma série de conexões com as pessoas, com ambiente da Gaya Dança Contemporânea e as “técnicas” e “coisas” que os/as intérpretes me apresentaram durante nossas trocas.

Assim, defendido por Schulze (2010), do método compartilhado do conhecimento, técnica e criativa, dialoga com as metodologias de pesquisa de campo dos antropólogos Pink (2009) e Ingold (2010, 2013, 2016), sobre observar participando, como um convite a se manter atento, engajado e vivo ao que os outros/outras estão fazendo,

⁹ Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA. É uma associação civil, de natureza científica, sem fins lucrativos, fundada em 04 de julho de 2008, que congrega pesquisadores, centros e instituições, dedicados a promover, desenvolver e divulgar pesquisas no campo da dança. (Disponível em: www.portalanda.org.br . Acesso em: 24 de ago, 2022).

dizendo, movendo (as coisas e o mundo). É aprender e manter sempre o olhar ao ambiente como uma grande novidade e com humildade ao que ocorre em nossa volta. Assim, o/a antropólogo/antropóloga, precisa acompanhar aos demais que estão a sua volta, acompanhando outros *mestres* e *aprendizes* (INGOLD, 2016) e demais participantes (PINK, 2009), da pesquisa aonde quer que esses/essas vão, ficar à sua disposição, não importando o que isso implique e para onde os/as pesquisadores/pesquisadores, pois o foco é permitir que o envolvimento na dinâmica do grupo, da comunidade, nos encontros, na educação coletiva e prática participativa aumente e gere novos saberes, experiências, vivências e engajamentos.

Conclusão

Através da pesquisa em antropologia, fui apresentada por meio de referências bibliográficas, como Fortin (2009), Pink (2009) e Ingold (2010, 2013, 2016) a pensar o trabalho de campo antropológico, como uma interlocução de saberes, ambientes e aprendizados.

Assim, pude expandir o meu ser para compreensão da produção de vídeodanças, como intérprete-criadora na Gaya Dança Contemporânea, da UFRN. Dessa maneira, eu pude aprender de maneira mais aprofundada o diálogo presente entre o corpo, a dança, a poesia e a tecnologia, na produção de uma vídeodança, realizada de maneira totalmente remota (online), devido ao isolamento social, em detrimento da pandemia COVID-19.

O que parecia uma pesquisa de campo, sem campo, na verdade, apresentou resultados contrários, na medida em que interseccionou áreas e saberes, possibilitando assim dançar entre diferentes ambientes, telas, aprendizados e saberes.

A possibilidade de dançar em contexto pandêmico, despertou poesia em meio ao caos, favorecendo novos e diferentes olhares ao fazer e como fazer dança.

Posso afirmar que, na tentativa de produzir um espetáculo durante a pandemia, de forma improvisada e nova, a Gaya Dança Contemporânea possibilitou aos seus/suas intérpretes investigações corporais únicas, em que ambientes domésticos tornaram-se estúdios de dança. Dentro de suas/nossas residências, mesmo que em uma solidão e desesperança, encontramos motivo para movimentar o corpo em busca de expressão; danças.

A websérie de vídeodanças Poemas Dançados, despertou o corpo de pelo menos 16 intérpretes a buscar ser voz e reflexão para tantas pessoas. Apresentando a possibilidade de criar, investigar e transformar o cenário da dança contemporânea da cidade de Natal/RN.

Ao mesmo tempo que apresentou a possibilidade de refletir sobre corpo, dança e tecnologias, sobre a multiplicidade de “ações” sobre as telas que podemos agregar, contribuir, com o intuito de potencializar diálogos, ações, emoções e reflexões. E, por fim, também podemos explorar esses e novos os recursos para dança em diferentes palcos, casas, telas, espaços, que a interlocução corporal, imagética e tecnológica favorece.

Referências bibliográficas

ALVES, Kenne; VICENTE, Andreza, COSTA, Sara Gabrielle; MARQUES, Larissa Kelly de Oliveira. Poemas dançados: produções em vídeodança na Companhia Gaya Dança Contemporânea em tempos pandêmicos. In: **ANAIS DO VI CONGRESSO DA ANDA**, 2021, Salvador. Anais eletrônicos...Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda-2021/papers/poemas-dancados--producoes-em-videodanca-na-companhia-gaya-danca-contemporanea-em-tempos-pandemicos> > Acesso em: 21 ago. 2022.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. 2ª edição – São Paulo. Editora: Annablume 2006.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da Etnografia e da Auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – Instituto de Artes da UFRGS, n.7, 2009.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, n. 7, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

GALVÃO, Amanda Lopes. Diálogo criativo: tecnologia, arte e narrativa popular. In: **Discussões interdisciplinares no campo das ciências humanas** [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. <<https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/29106> > Acesso em: 24 ago. 2014

INGOLD, Tim. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2011. Pp. 95-110.

INGOLD, Tim. **Making: anthropology, archaeology, art and architecture**. London: Routledge, 2013

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

- LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. São Paulo: Summus Editorial, 1978.
- LIMA JÚNIOR, Francisco de Assis de. **As faces de Gaia: os modos de compreensão do corpo na Gaya Dança Contemporânea**. 2018. 158f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia: Aproximações e Distinções**. Galáxia, São Paulo, v. 4, p. 19-32, 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PINK, Sara. **Doing Sensory Ethnography**. London: SAGE Publications Ltda. 2009 [2017].
- _____. 2010. What is Sensory Ethnography In National Center for Research Methods. 2010. Disponível em: https://www.ncrm.ac.uk/resources/video/RMF2010/pages/18_Sensory.php. Acesso em: 24 novembro de 2019.
- _____. Principles for Sensory Ethnography: Perception, Place, Knowing, Memory and Imagination, In **Doing Sensory Ethnography**. London: SAGE Pub. Ltda. 2012.
- PEARLMAN, Karen. A edição como coreografia. In: CALDAS, Paulo (org.) **Dança em foco: Ensaio Contemporâneos de Videodança**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.
- SCHULZE, Guilherme. Um olhar sobre videodança em dimensões. In: **Anais do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**. São Paulo, 2010. Pp. 1-4. Acesso em 17 de novembro de 2021.
- SHEETS-JOHNSTONE Maxine. The imaginative consciousness of movement: linear quality, kinaesthesia, language and life. In: INGOLD, Tim (ed.). **Redrawing anthropology. Materials, movements, lines**. Farnham/Burlington: Ashgate, 2011, pp. 115-128.
- SHEETS-JOHNSTONE Maxine. The imaginative consciousness of movement: linear quality, kinaesthesia, language and life. In: INGOLD, Tim (ed.). **Redrawing anthropology. Materials, movements, lines**. Farnham/Burlington: Ashgate, 2011, pp. 115-128
- SILVA, Adriano André Rosa da. **Imagens em fluxo: uma perspectiva da videodança / Adriano André Rosa da Silva**. 2018. 36 pp. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Dança) - Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, Comunicação e Cultura**. São Paulo, Autores Associados, 2006.
- TOURINHO, Lígia Losada. **Dramaturgias do Corpo: Protocolos de criação das Artes da Cena**. Campinas, SP: [s.n.], 2009
- VIEIRA, Marcílio de Souza. **Gaya Dança Contemporânea: um desejo, um projeto, uma realização**/organização Marcílio de Souza Vieira. 1. Ed. Salvador: ANDA, 2020.

Vídeos consultados

GAYA DANÇA CONTEMPORÂNEA. Corpo Isolado. Coreodireção: Marcílio Vieira. Coreodireção: Kenne Felipe. Youtube, 2020. 4 min. Natal/RN. Link: <https://youtu.be/rpbnquYE4Hk> Acesso em 24 ago. 2022.

GAYA DANÇA CONTEMPORÂNEA. Corpo Isolado. Coreodireção: Marcílio Vieira e Larissa Marques. Coreodireção: Kenne Felipe. Youtube, 2020. 3 min e 11 seg. Link: <https://youtu.be/VZjYXfvnr-k> Natal/RN. Acesso em 24 ago. 2022.

GAYA DANÇA CONTEMPORÂNEA. Poemas Dançados I. Coreodireção: Marcílio Vieira e Larissa Marques. Coreodireção: Kenne Felipe. Youtube, 2020. 5 min e 33 seg. Natal/RN. Link: <https://youtu.be/dkVNNyyBIEA> Acesso em 24 ago. 2022.

GAYA DANÇA CONTEMPORÂNEA. Poemas Dançados II. Coreodireção: Marcílio Vieira e Larissa Marques. Coreodireção: Kenne Felipe. Youtube, 2020. 5 min e 33 seg. Natal/RN. Link: <https://youtu.be/dkVNNyyBIEA> Acesso em 24 ago. 2022.

GAYA DANÇA CONTEMPORÂNEA. Poemas Dançados III. Coreodireção: Marcílio Vieira e Larissa Marques. Coreodireção: Kenne Felipe. Youtube, 2020. 11 min e 48 seg. Natal/RN. Link: <https://youtu.be/448TFJOM5QU> Acesso em 24 ago. 2022.